



DOI 10.20396/conex.v18i0.8660908

Artigo Original

As corridas de cavalo como divertimento no bairro-balneário Cassino em meados do século XX (1940-1960)

Gustavo da Silva Freitas¹ 

RESUMO

Objetivo: Compreender que condições históricas tornaram possíveis as corridas de cavalo no bairro-balneário Cassino, sul do Brasil, em meados do século XX (1940-1960). **Metodologia:** De perspectiva histórica, o texto está apoiado em um arquivo de fontes orais produzido a partir de quatro sujeitos infames residentes no bairro-balneário. **Resultados e discussão:** As narrativas mostram que a cancha reta se tornou uma forma bastante comum de apropriação das corridas de cavalo como divertimento no cenário local. Isto aconteceu em conformações estabelecidas pelos próprios praticantes, sob marcas de improvisação, de vínculos com os elementos regionais e articuladas a ações ordinárias do cotidiano. **Considerações finais/conclusão:** Estas narrativas demandam uma compreensão do bairro-balneário distinta de uma sociabilidade balnear, sustentada pelos sentidos e sensibilidades de viver no que parecia mais um campo do que uma praia.

Palavras-chave: História. Corridas de cavalo. Corridas em cancha reta. Cassino.

¹ Universidade Federal do Rio Grande, Faculdade de Educação Física, Rio Grande – RS, Brasil.

Correspondência:

Gustavo da Silva Freitas. Universidade Federal do Rio Grande, Faculdade de Educação Física, Av. Itália, Km 8, s/n, Carreiros, CEP 96201900, Rio Grande – RS, Email: gsf78_ef@hotmail.com

Recebido em: 18 ago. 2020

Aprovado em: 10 nov. 2020

Horse Racing as an amusement in seaside neighborhood Cassino in the mid of the XX century (1940-1960)

ABSTRACT

Objective: To perceive the historical conditions that made horse racing feasible at the seaside neighborhood of Cassino, located in the south of Brazil, by the mid of the XX century (1940-1960). **Methodology:** From a historical perspective, The text is backed by a file of oral sources produced from four infamous characters living in the neighborhood. **Results and discussion:** The accounts show that the straight line has become a very common form of appropriation of horse racing as amusement on the local scene. This happened in conformation established by its own participants, under improvisation markings, ties to regional elements and articulated to ordinary everyday actions. **Final considerations/conclusion:** These accounts demand a comprehension of the seaside neighborhood diverse from a seaside-like sociability, vindicated by the meanings and sensibilities of living in what felt more like countryside than a beach, per say.

Keywords: History. Horse Racing. Straight line horse races. Cassino.

Las carreras de caballos como divertimento en un barrio balneario Cassino a mediados del siglo xx (1940-1960)

RESUMEN

Objetivo: Comprender que condiciones históricas hicieron posibles las carreras de caballos en el barrio balneario Cassino, sur de Brasil, a mediados del siglo XX (1940-1960). **Metodología:** Desde una perspectiva histórica, el texto está apoyado en un archivo de fuentes orales producido a partir de cuatro sujetos infames residentes en el barrio balneario. **Resultado y Discusión:** Las narrativas muestran que la se cancha recta se ha convertido en una forma muy común de apropiación de las carreras de caballo como divertimento en la escena local. Esto sucedió en conformaciones son establecidas por los propios practicantes, bajo marcas de improvisación, de vínculos con elementos regionales y articuladas a acciones ordinarias cotidianas. **Consideraciones finales/conclusión:** Estas narrativas exigen una comprensión del barrio balneario distinta de una sociabilidad bañista, sostenida por los sentidos y sensibilidades de vivir en lo que parecía más un campo que una playa.

Palabras Clave: Historia. Carreras de caballo. Carreras de cancha recta. Cassino.

INTRODUÇÃO

As corridas de cavalo em sua perspectiva histórica há muito ocupam a agenda de pesquisa entre aqueles que se dedicam a entender os atravessamentos culturais, sociais e econômicos existentes entre a emergência das práticas esportivas e a constituição das dinâmicas de uma cidade. Não obstante, tais estudos sinalizam um alinhamento das práticas equestres a consecução de um projeto de urbanidade quando estas passaram a endereçar aos sujeitos envolvidos, um modo civilizatório, moralizante e distinto de convivência (MORAES E SILVA, 2015; PEREIRA; MAZO; BATAGLION, 2019; MELO, 2020).

Estas impressões afloram, sobretudo, quando identificamos a partir da segunda metade do século XIX no Brasil, o curso de uma institucionalização destas corridas materializado pelo surgimento dos hipódromos e *jockeys clubs* e, com eles, um certo conjunto de normatizações, uma centralidade nas *performances*, o estabelecimento de códigos de comportamento, a criação dos estatutos jurídico-sociais e, inclusive, mecanismos de rentabilidade por se tornar rapidamente um reduto de apostas (XAVIER; FREITAS; RIGO, 2014). Estes processos foram carimbando, ainda antes de 1900, a passagem das corridas de cavalo de uma prática de divertimento espontânea a organicidade tamanha a ponto de expressarem uma racionalidade vanguardista e influente para chegada dos esportes no século seguinte (MONTENEGRO; SOARES, 2018).

Na transição do século XIX para o XX nasciam os prados, também chamados de hipódromos e, com eles, a perspectiva de um comportamento moderno na cena social, já que “os cavalos faziam parte do cotidiano da cidade, a prática não significava uma ruptura com os hábitos da sociedade no que se referia à repulsa aos esforços físicos”, havia uma conexão com “algo sério para a economia nacional que era a ‘raça cavalar’” (MELO, 2010, p. 24).

Nestes termos que Lucena (2001, 2010) localizou no turfe um importante papel para consolidação do esporte moderno (ELIAS; DUNNING, 1992) nas cidades brasileiras, cuja estrutura inspirou a modelagem de diferentes clubes e agremiações. Segundo Melo (2020), foram os *clubs* os responsáveis pela valorização das atividades públicas de convivência no âmbito do entretenimento, algo que começou pelas capitais e ganhou territorialidade nas décadas seguintes.

Em Rio Grande, cidade litorânea localizada no extremo sul do Brasil, esse *ethos* não só esportivo como moderno foi acompanhado, senão mobilizado, por duas de suas principais características. A primeira delas responde pelo fato de ser banhada por oceano, laguna e lagoa por quase todos os lados, o que a leva ser considerada geograficamente como uma península. Este desenho fez com que a cidade estabelecesse uma relação pedagógica com as águas reverberada

pelo que Sant'anna (2007) nomeia de salubridade urbana, ou seja, uma atenção às implicações que a presença e os usos das águas apresentam à gestão dos saberes relacionados a elas, ao planejamento sanitário da cidade, às definições de caráter estético e à constituição do tecido das relações sociais.

O desenvolvimento de uma aptidão econômica advinda desta condição ressalta a segunda característica da cidade. A existência de um porto marítimo inaugurado em meados do século XIX abriu um canal de comunicação com a Europa, transformando-se em uma porta de entrada para que imigrantes portugueses, ingleses, alemães, italianos, poloneses e espanhóis se instalassem em Rio Grande. A presença destes estrangeiros não pode ser dissociada da constituição da cidade em todas as suas dimensões, uma vez que protagonizou naquela época um sentimento de prosperidade e de mudança cultural, especialmente para uma parcela elitizada. Isto significava a adoção de hábitos e modismos europeus manifestados, por exemplo, pelo refinamento no uso das roupas, na etiqueta à mesa, na postura corporal e na apreciação das artes (ENKE, 2005).

O cenário esportivo da cidade de Rio Grande igualmente sentiu os efeitos dessa presença estrangeira. Ingleses e portugueses, considerados por Melo (2010) como precursores do fenômeno das corridas de cavalo no Brasil, provocaram pelas bandas sulinas a criação do hipódromo na cidade em 1922. Afora o propósito de fomentar o gosto pelo turfe entre os apreciadores de cavalos, este espaço oportunizou expressões tanto de sociabilidades quanto de negócios. Era um lugar para ver e ser visto, uma possibilidade de estar na vitrine da sociedade riograndina, onde passavam vidas ilustres – muitos *sportman*² –, mas também os “sem-sorte”³, onde circulavam os que buscavam entretenimento e aqueles interessados em trabalho (XAVIER; FREITAS; RIGO, 2014).

Todavia, essa movimentação em torno das corridas de cavalo no hipódromo disparadas a partir da década de 20 não canalizou todas as formas possíveis de se vincular a esta prática. O compartilhamento de determinados traços ou padrões sociais, culturais e econômicos nestes locais não impediu que modos distintos de apropriação das corridas continuassem a acontecer, pelo contrário, os próprios sinais distintivos deram luz a elas visto que os “sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que nele operam” no espaço social (BOURDIEU, 2007).

² No caso do turfe, os chamados *Sportman* eram figuras centrais que sobrepujam a importância dos jôqueis e seus cavalos, monopolizando a atenção mais por financiarem o esporte do que propriamente se apresentarem nas pistas. Lucena (2001) lembra que esse entendimento era próprio de uma sociedade patriarcal arrastada do século XIX, em que o Barão, chefe da família e chamado de *Sportman*, destacava-se pelo seu estilo de vida.

³ Expressão cunhada no trabalho de Xavier; Freitas e Rigo (2014) a partir das fontes orais para designar as pessoas que encontravam no Jockey Club uma fonte de renda para sobrevivência, uma vez que não tiveram a “sorte” de ter acesso a estudo e à profissionalização.

Para falar de uma destas apropriações não institucionalizadas das corridas de cavalo é preciso se deslocar até o balneário da cidade: a Praia do Cassino⁴. Nela, em meados do século XX, encontraremos dinâmicas que credenciaram as corridas como uma prática de divertimento não necessariamente de cunho esportivo, mas flertando com ele. Para falar disso, foi utilizado um arquivo com fontes orais produzidas sobre as práticas de divertimento neste balneário narradas por sujeitos infames⁵ (FOUCAULT, 2006) que residiam no local durante todos os dias do ano⁶. Antonio, Seu Homero, Nando e Roberto⁷ são quatro dessas vozes infames que não se quer venerar, nem naturalizar os registros históricos delas provenientes como sendo a “essência exata da coisa”, mas sim, pretende-se apenas “rir das solenidades de origem” (FOUCAULT, 2008, p. 17-18).

A atitude de multiplicar os fios da história que atravessam as corridas de cavalo em Rio Grande é acionada naquilo que Paul Veyne vai dizer sobre se ter um “nível de explicação muito simples” acerca das compreensões históricas; qual seja a de que elas continuam sendo, “fundamentalmente, uma narração, e o que se denomina explicação não é mais que a maneira da narração se organizar em uma trama compreensível” (VEYNE, 1982, p. 81).

○ BAIRRO-BALNEÁRIO CASSINO: UMA PRAIA... E TAMBÉM UM CAMPO

Nascido como um balneário planejado (TORRES, 2009) sob o nome de Villa Sequeira, em 1890, o local ficou popularmente conhecido como Cassino a partir de 1910 em referência ao primeiro hotel instalado que oferecia, entre outras atrações, uma casa de jogos de azar. O primeiro nome havia sido uma homenagem ao então diretor-gerente – Antonio Cândido Sequeira – da empresa Companhia Carris Urbano, responsável por adquirir a concessão para construção das vias férreas que ligavam o centro da cidade ao balneário e também por

⁴ O bairro-balneário ficou popularmente conhecido como Praia do Cassino. No entanto, o termo praia será reportado neste texto ao ambiente formado pela contínua faixa de areia que fica próxima ao mar.

⁵ O termo infame é utilizado no sentido foucaultiano para identificar sujeitos sem fama, a todas as vidas que estão destinadas a transcorrer à margem de qualquer discurso tal como “existências-relâmpagos”. Preocupava-lhe a condição de que se tratasse de personagens que tivessem realmente existido e que de uma “maneira ou de outra, tivessem feito parte realmente da história minúscula dessas existências” (FOUCAULT, 2006, p. 205-206).

⁶ O arquivo composto por seis entrevistas é originário de uma pesquisa de doutorado cujas práticas de divertimento abordadas sobre o mesmo recorte temporal e espacial foram múltiplas. Para este texto descartou-se àquelas que não se referiam em nenhum momento às corridas de cavalo.

⁷ A opção de tratar os entrevistados pelo nome que eram conhecidos tem a intenção de reforçar sua questão identitária e de vínculo com os pares locais. Angelo Fernando Ribeiro (Nando) concedeu entrevista à autoria em fevereiro de 2014; Homero Antônio Pinto (Seu Homero) concedeu entrevista à autoria em março de 2014; Antonio Renato Silva Ribeiro. concederam entrevista à autoria em abril de 2014, todos, no Rio Grande, RS.

articular o “projeto balnear Cassino” (FERREIRA, 2012).

Sua criação veio no mesmo espírito de exploração comercial e turística das estações balneárias européias, aproveitando a sensação de progresso econômico e tecnológico alcançado naquele período histórico em Rio Grande. Não tendo sido planejado como um bairro de moradia fixa, as primeiras residências foram erguidas ao longo da avenida principal por famílias estrangeiras, pela aristocracia rural e comercial gaúcha e pelas pessoas “de sobrenome” que eram vistas frequentemente no hotel e na casa de jogos. Estes casarões serviram como estadia para épocas de veraneio durante o período de férias, para passar o tempo durante as estações mais quentes entre os meses de novembro e maio (ENKE, 2005), ou simplesmente para desfrute dos prazeres junto à natureza em eventuais finais de semana.

É bom lembrar que os banhos de mar fizeram parte de uma mentalidade higienista que surge no Brasil nas primeiras décadas do século XX, sob forte preocupação com o enfrentamento das enfermidades causadas pela industrialização. Neste contexto, os banhos de mar passaram a ser valorizados no país e serem prescritos e regulamentados por médicos (MELO, 2007), passando a fazer parte do cotidiano das cidades pela emergência de uma cultura *physica* ao ar livre (MONTENEGRO; SOARES, 2019). Estavam embutidos em um “universo de modos, atitudes e saberes (que devem ser conhecidos) e que são requeridos pela civilização burguesa para a manutenção da ordem” (SOARES, 2004, p. 32), os quais foram operados por pelo pensamento médico-higienista.

Em certa medida, a preocupação em defini-lo como um lugar destinado a um determinado grupo social logrou êxito. Fios muito espessos foram tramados associando a história do Cassino como sinônimo de um balneário *chic*. Essa objetivação por muito tempo esteve assentada no tripé formado pelos casarões, a avenida principal e a praia, ou melhor, a determinadas relações e práticas estabelecidas nesses lugares. A arquitetura dos chalés, os passeios a pé (*footing*) à beira-mar em ternos alinhados e vestidos longos, os jogos de cricket e de tênis nos pátios das residências que ocupavam quarteirões inteiros, os banhos de mar pela manhã – turno considerado nobre e recomendado cientificamente para esta prática – tudo isso passou a configurar maneiras de estar e circular no Cassino. No entanto, se houveram movimentos que sustentaram e naturalizaram esse entendimento histórico, por outro, os vínculos de pertencimento com o local não foram harmônicos se tomarmos as práticas sociais como resultantes de relações de poder (FOUCAULT, 2008).

Nessa disputa, as vozes infames ouvidas, especificamente recortadas para cenas ocorridas entre a década de 1940 e 1960⁸, mostraram um envolvimento

⁸ A opção por esse período vem na esteira de Portelli (2004), no que diz respeito à localização temporal ou à cronologia ser conferida pelo entrevistado, não pelo entrevistador. As três décadas,

outro, a começar pela própria demarcação dos que “verdadeiramente” construíram a história do Cassino, a quem chamavam de cassineiros, diferenciando-os dos demais que “vinham molhar os pés e iam embora”, os cassinenses, como dizia o entrevistado Nando (2014):

Então assim ó, tem a família Cassineira, né cara, que eu costumo dizer, têm os Cassinense e os Cassineiro. Os Cassineiro mesmo são poucos, que é o povo da história do Cassino, entendeu. Que cada um fez uma parte. [...] assim ó, a história do Cassino, qual era a renda do Cassino, como que trabalhavam, como que sobreviviam, como que criaram seus filhos, como se divertiam, esses daí foram os fundadores do Cassino e não só aqueles que tinham poder aquisitivo, que vinham pra cá e que injetavam no Cassino, mas um mês ou dois iam embora. E que quem ficava durante dez meses aqui, passando trabalho, em busca de trabalho, em busca de sobrevivência, eram essas pessoas que ainda se não tão vivas, deixaram seus filhos e seus netos aí.

Notadamente, os significados que fizeram aparecer o “nós” e os “outros” apresentou uma estima ao cassineiro, dando a entender que esse teria mais propriedade de falar sobre as coisas do local pela própria condição de (sobre)vivência nela implicada. O fato de terem vivido dia e noite em função das oportunidades para arrecadar alguma soma de dinheiro a fim de permanecerem no local e enfrentarem as agruras das estações mais frias caracterizava o legítimo nativo, o cassineiro. Tal situação se tornou tão marcante que estes infames idealizaram uma compreensão daquele espaço mais como um bairro e local de trabalho do que um balneário e lugar para divertimentos.

Assim, percebe-se a inversão de uma lógica referenciada no veranejar para o de invernar, já que os infames-cassineiros e os famosos-cassinenses usavam o bairro-balneário sob motivações distintas. Esses últimos foram se apropriando do Cassino tal como inventado, sendo o destino das famílias nobres para passar o verão, estação que geralmente comportava o tempo do ócio. Noção essa criada “como mudança necessária das atividades e do gênero de vida”, em que “o descanso e os benefícios da natureza parecem oferecer uma contrapartida ao modo de vida urbano e industrial” (MARTIN-FUGIER, 2009, p. 212-213).

Usar o Cassino como estação balnear seria assim uma “alternância com o tempo de trabalho”, que se concentra e se consolida para uma elite no chamado tempo das férias, “isto é, da natureza, das viagens, das diversões” (MARTIN-FUGIER, 2009, p. 213). Veranejar significava dividir o ano em dois: os meses de trabalho na cidade e os meses de férias na praia. Essa divisão não reverberava na narrativa dos cassineiros. Morar no local que era rota de férias de outros significava aumentar as alternativas de trabalho, cuja renda precisava ser administrada durante o inverno. O ano para os infames que residiam no bairro-

notadamente, se destacaram no conjunto das entrevistas como o período a que eles se reportavam quando solicitados a falar sobre o “Cassino de antigamente”.

balneário até poderia ser dividido em dois por conta dessa situação, mas não compreendia a noção de férias e sim, um *continuum* de trabalho e divertimento com intensidades diferentes entre as estações quente e fria.

De certa maneira, essas considerações também atingiam as relações entre os cassineiros e a chamada infâmia pendular. O movimento de ir para o Cassino no trem depois do almoço para passear na praia e voltar ao final do dia mostrava que os veranistas infames dos finais de semana eram interpelados pelo sentido de “endomingar-se” (CORBIN, 2009, p. 418), ou seja, se pareciam com o burguês citadino ao festejar o domingo assumindo novos refinamentos nesse dia.

Essa característica combinava com os que residiam e moravam na cidade e não com aqueles que viviam no Cassino, principalmente se pensarmos que a infâmia pendular era composta em grande parte por operários. Como tais, possuíam uma organização do trabalho que lhes garantia jornadas fixas, direito a férias e dificilmente trabalhavam aos domingos, três predicados dos quais os cassineiros ouvidos não dispunham.

A ideia de que esses infames pertenciam a um Cassino outro se materializou também pela “paisagem memorial” (NORA, 1993) que anunciaram em relação ao ambiente em que viviam. Não rara a imagem-síntese narrada por eles era associada a um campo, sustentada pelo realce de algumas atividades ligadas à agricultura e pecuária existentes no bairro-balneário, à estrutura – ou a falta dela – em termos das condições de moradia (casas feitas de ripas de madeira), acesso a saneamento e transporte, além do próprio panorama natural constituído em qualquer horizonte que se contemplasse:

Era só duas casas pra cada lado da avenida, o resto era tudo campo [...] era pouca extensão que tinha naquela época, aí depois foi abrindo valões por aí... nós caçava cação e marreca” (SEU HOMERO, 2014, entrevistado).

Morar no meio do campo, à beira de um banhado e não ter a praia em primeiro plano tal como tinham os cassinenses, dá o tom das configurações espaciais existentes à época, até pela forma com que esses infames foram acessando e se espalhando pelo Cassino. O final dos anos 40 representou o início de um processo de desaceleração da pujança industrial e econômica no município, sobretudo, nas fábricas têxtil e nos frigoríficos. Isto significou uma diminuição dos postos de trabalho, assim como uma reconfiguração territorial em termos de moradia para áreas mais voltadas às zonas periféricas da cidade, na forma de vilas e loteamentos (MARTINS; PIMENTA, 2005).

As condições migratórias da população de baixa renda para o bairro-balneário contrastaram com as ações organizativas que o objetivaram como um empreendimento aprazível às elites. Essa planificação prévia acabou empurrando a fixação da residência dos infames para áreas não centrais do Cassino, “no fim

de uma rua” ou “na sexta quadra para lá da avenida” (SEU HOMERO, 2014, entrevistado). O campo, portanto, expressava grande parte da formação vegetal que encontravam ao chegar, produzindo uma sensação de viver num imenso território inóspito e esvaziado, ainda que recheado por incontáveis combros de areia, os quais serviam para localizar a própria casa:

“Isso aqui, isso aqui [o chão da casa], era essa sanga que tá aí, tá vendo? Esse arroio, puxa...tinha cada combro de areia! Quando eu comprei que vim pra cá, aí desmanchei, que tinha caminhão e comecei a tirar areia daqui pra lá, levando pra outras bandas. Depois construí, todo mundo construiu aí” (ROBERTO, 2014, entrevistado).

Resta claro, portanto, o quanto as dinâmicas sociais dos cassineiros estavam mais vergadas para as ruas de trás do que para a avenida central. Com esta, em geral, estabeleciam uma afinidade filtrada pelo trabalho, sobretudo quando envolvia a necessidade do transporte de materiais de construção que chegavam pelos trens; de produtos agropecuários a serem distribuídos entre os mercados que funcionavam no Cassino; ou de pessoas a serem movidas nos trajetos trem-hotel ou hotel-praia; tudo em carroças puxadas por cavalos.

As atividades laborais exercidas pelos infames, portanto, receberam o carimbo da informalidade. Atuavam por conta própria e negociavam o duo ocupação-remuneração diretamente com os respectivos solicitantes a cada serviço prestado. Essas situações intervinham na maneira que os infames instituíam o seu dia a dia, pois se por sua vez o trabalho não respondia a regras sistematizadas, o tempo que encontravam para se entreter também não. As práticas de divertimento vivenciadas pelo cassineiros, em especial com a presença do cavalo, acompanharam o deslocamento de se viver à lógica do invernar, a terem sua ocorrência em meio a ações ordinárias do dia e de não serem tão capturadas pelo discurso científico quanto aquelas que endereçavam os banhos de mar.

OS CASSINEIROS E AS CORRIDAS DE CAVALO

Estar sob o lombo de um cavalo fazia parte da rotina de muitos cassineiros. Os deslocamentos com o animal puxando ou não carroças e charretes, não se constituía em um problema para esses infames, uma vez que as andanças e as funcionalidades desse uso eram compatíveis com o ritmo menos acelerado de vida no Cassino. Entre as histórias narradas, Antonio dizia que gostava de andar a cavalo pela praia “não pra tomar banho”, mas por ser um local de passagem para as viagens que fazia até os hotéis à beira-mar na procura por trabalho.

As grandes extensões de terra, combinadas às formações vegetais e o

investimento a determinadas atividades laborais ou de subsistência contribuíram para que o Cassino, em meados do século XX, muito se confundisse com um ambiente rural. Sendo útil na lida “do campo”, afora o uso para transportes como já comentado, o cavalo torna-se peça fundamental para a criação de animais e produção de leite nas propriedades dispersas pelo Cassino e arrabaldes servindo de montaria dos peões⁹ e dos proprietários para quem trabalhavam.

Antonio atuou como peão na década de 60, tendo aprendido o serviço desde “guri”, por tradição familiar. Seu avô, José Hipólito Ribeiro trabalhava no Cassino na estância de Maria José Leivas Otero. Ela era a única sobrinha do Cel. Augusto Cezar Leivas, adquirente do balneário por leilão em 1909¹⁰, pelo valor de 80 contos de réis. Em 1926, com a morte do coronel, herda o empreendimento e passa a administrá-lo nos 30 anos seguintes, transferindo posteriormente os bens para seus seis filhos (BARCELLOS, 2000), entre eles, Francisco Antonio Leivas Otero, para quem Antonio acabou empregado, quando tinha de 8 para 9 anos de idade.

Ele conta que a Zoca sempre hospedou muitos amigos e familiares em sua propriedade. Quando isso acontecia, era comum que a estancieira mandasse preparar os cavalos para que as visitas pudessem andar, já que os pedidos para isso eram frequentes. Disse ainda que o “pessoal brigava” pelos animais, pois a quantidade de visitas, geralmente, era maior do que se tinha disponível para empréstimo. Além dos parentes e amigos, Zoca também recebia pessoas interessadas em construir casas de veraneio. Algumas opções de lotes (porções de terra) eram mostradas para essas pessoas na intenção de fechar negócio. Por se tratar de longas distâncias, pelas irregularidades do solo e, por que não, pelo conforto oferecido, o percurso até os terrenos era feito a cavalo.

O protagonismo do cavalo em determinadas práticas sociais realizadas no Brasil, e no Rio Grande do Sul em específico, é nítido e de compreensão sócio-histórica. Ao longo do século XIX esse animal foi adotado como o predileto entre os barões do açúcar, do café e do ouro, por simbolizar tanto a força e imponência advindas de seu uso bélico quanto a nobreza caracterizada pela figura da fazenda e da distinção social, marcas dignas de uma sociedade ainda centrada na figura do homem (LUCENA, 2001). Entre as formas encontradas pelo patriarcalismo brasileiro de expressar essa excelência em torno da representatividade do cavalo e da diversão a si mesmo, estava o turfe.

É ele, no âmbito do esporte, que passa a anunciar os primeiros momentos do ideário de modernidade nas cidades brasileiras, a partir de sensíveis vínculos

⁹ Segundo Machado (2012, p. 101), peão era o “nome dado ao trabalhador rural nas estâncias gaúchas”.

¹⁰ Enke (2005) faz essa afirmação a partir do acesso a duas fontes: cópia da escritura de venda da Vila Sequeira em agosto daquele ano, para o coronel e documento em que ele vende uma parte do balneário, em 1919, para a Companhia Balnear Atlântica.

de ordem cultural, social e econômica com o continente europeu (MELO, 2010; 2015). A transição para o século XX, ou de uma sociedade eminentemente rural e artesanal para outra mais urbana e industrial, implicou uma reorganização das cidades e, nela, o turfe se tornou mais do que uma corrida de cavalos, um estilo de vida. A obtenção de uma órbita moderna em torno e a partir destas corridas pôde ser percebida em diferentes regiões brasileiras, como por exemplo, em Belo Horizonte (SOUZA NETO; SOTTO MAYOR, 2017), Curitiba (MORAES E SILVA, 2015), Salvador (ROCHA JUNIOR, 2011), Rio Grande do Sul (PEREIRA; MAZO, 2014), entre outras.

Especialmente no tocante ao Rio Grande do Sul, os primeiros prados surgidos em Porto Alegre no último quartel do século XIX seguiram a lógica da socialização pública e da vida *chic* na cidade, uma vez que tentavam agrupar as corridas de cavalo que já aconteciam aleatoriamente pela capital (GOELLNER; MAZZO, 2010). Esses esforços foram exitosos ao concentrar nos hipódromos gaúchos grande parte dos criadores, apreciadores, apostadores, corredores (jóqueis) de turfe, mas não a ponto de extinguir a prática da corrida de cavalos fora deles. Até porque, a relação do gaúcho com o animal é marcante na história do estado e extrapolou a veia organizativa e glamourizada acenada pelos hipódromos. Nos tempos de guerra tanto quanto nos tempos de paz, o cavalo está associado à vida campestre do gaúcho, compondo um elemento de sua identidade regional (PEREIRA; MAZO; LYRA, 2010).

No Cassino, pode-se dizer, essa identidade campeira era mantida no modo de vida. Nando e Antonio ressaltaram em suas narrativas pelo menos quatro elementos para tal afirmação: a criação de animais (gado bovino, ovino e equino), o ofício de peão, o consumo de chimarrão e o fumo de palha. Tal estilo era cultivado por sua família antes mesmo de migrar para o bairro-balneário. O tempo junto ao cavalo vivido nas estâncias da Zoca e do Francisco Otero era parte constituinte desse modo de vida, que continuou mesmo quando se descolaram desses lugares. Isso aconteceu naquele contexto da falta de animais para suprir a demanda das pessoas que se acumulavam na estância para visitas ou para negócios. Diante disso, Antonio conta que a Zoca teria sugerido ao seu avô que comprasse uns cavalos e passasse a alugá-los para essas pessoas. Tendo aceitado a ideia, seu avô vai “lá fora” (maneira que se referiam aos campos que ficavam na zona rural da região) comprar os animais por um preço mais barato.

É dessa forma que, gradualmente, deixam as estâncias para viverem de um serviço que colocaria uma prática no rol de divertimentos no Cassino: o aluguel para andar a cavalo. Tendo sido pioneiros nessa atividade, montaram a primeira sede numa área central do bairro-balneário, na Rua Jaguarão com Avenida Rio Grande (a principal). Além de ser visível e de fácil acesso aos veranistas permanentes, a sede também o era para os veranistas pendulares, pois esses passavam pelo ponto no vai-e-vem de um dia de praia. Essa

localização, provavelmente, fez com que o aluguel de cavalos tenha sido procurado por “todo mundo” ou “qualquer um”, como dito por Antonio.

Durante uma década, a família foi a única a explorar o serviço, mas o entusiasmo do público com a prática mobilizou a abertura de, pelo menos, três novos pontos, alastrando-a em grande escala para o Cassino dos anos 60. Esse *boom* em torno do andar a cavalo estava expresso na expansão dos pontos de aluguel, no envolvimento diário dedicado a esse serviço e na aquisição de uma estrutura compatível com a procura por essa prática.

Sobre essas duas últimas questões, Nando e Antonio exclamam que alugavam cavalos “de segunda a segunda” no veraneio, aumentando o movimento do ponto aos sábados e domingos. Isso continuou a acontecer mesmo quando mudaram o local de endereço, passando a se instalar num terreno distante quatro quadras da avenida, em direção à Querência¹¹. Ali, diz Antonio, alcançaram uma estrutura que dispunha de “cinquenta e três cavalos, três faites [tipos de carroça para passeio], duas charretes novas” e cumpriam uma rotina, em que se “chegava às oito da manhã e saía dez da noite” do ponto.

A lida campeira anotada pelas atividades voltadas ao trabalho acumuladas com as miudezas do dia a dia, manteve-se como um modo de vida do Antonio e sua família desde a transição do Taim (distrito do Rio Grande) para as estâncias do Cassino, delas para os aluguéis de cavalo e, mais adiante, na ocupação de carroceiro. A relação com o animal, portanto, produziu marcas no Nando e no Antonio, que se não foram as mesmas reivindicadas outrora pelos senhores do campo, igualmente, funcionou como algo que o distinguia de outros. Dentro dessa diferenciação estão as carreiras em cancha reta como prática de divertimento.

A cancha reta, ela foi o primeiro esporte do estado do Rio Grande do Sul. E a cancha reta ela se espraiou e chegou no Cassino, porque eu me lembro quando menino que a grande diversão da gauchada era a cancha reta. Não existia rodeio, existia cancha reta. Eu me lembro que assim, ó, que corria-se carreira aqui no Cassino, no mesmo final de semana corria no Cassino, tinha lá no quilômetro 10 a cancha reta [...] a gente corria na Porto Alegre ali, no final da Porto Alegre [rua do bairro]. Antonio: E aqui também nós corremos, na rua Padre Francisco. (NANDO, 2014, entrevistado).

As carreiras são exemplos da ligação do gaúcho com as corridas de cavalo e figuram como um desdobramento da própria lida campeira. São assim denominadas por se constituírem em disputas que ocorrem em “pista reta, sob a medida de quadras, em uma cancha com solo sem vegetação, ou seja, capinada,

¹¹ Loteamento que pertence ao Cassino, criado em 1953, distante 3Km aproximadamente do centro do balneário. Atualmente, é habitado por famílias de baixa renda, em que muitos terrenos não estão regularizados junto ao poder público.

com a terra plana e estreita raias” (PEREIRA; MAZO; LYRA, 2010, p. 659). Por acontecer em locais em que o terreno não é dividido por quadras ou em que elas não apresentam padronização, a distância total de uma cancha reta variava (e ainda varia) entre 250 a 400 metros, o que significava três ou quatro quadras aproximadamente. Essa improvisação é característica desse tipo de corrida, assim como a participação de cavalos sem raça (PEREIRA; MAZO; LYRA, 2010).

Além disso, pode-se dizer que a proliferação das carreiras em cancha reta favoreceu a fundação dos primeiros hipódromos no Rio Grande do Sul, sendo Rio Grande um destes casos. Pereira; Mazo; Bataglioni (2019) evidenciaram uma coexistência das corridas de cavalo realizadas nas carreiras de cancha reta e do turfe numa relação de interdependência na constituição e consolidação da identidade do “sul-riograndense”. Ainda que de forma improvisada, as carreiras seguiam um certo modo de acontecimento.

Pelos relatos do Nando e do Antonio, elas eram arranjadas mais aos finais de semana no Cassino, em especial, no domingo. Por este motivo recebiam o nome de “carreiras de domingo” que, segundo Xavier; Freitas; Rigo (2014) são aquelas que acontecem próximas a um bolicho (pequeno armazém) e combinadas no próprio dia. Não se descartava, porém, o acerto de uma carreira durante o restante da semana, em meio às atividades campeiras. Neste caso, dava-se o nome de “carreiras por rapadura”, pois aconteciam em campo aberto, ao final das ações ordinárias de um dia de trabalho (XAVIER; FREITAS; RIGO, 2014). Neste caso o cavalo utilizado para o trabalho, em geral, era o mesmo colocado à prova nas carreiras.

Qualquer que fosse o tipo de carreira, bastava existir dois competidores, alguém a desafiar e outro a aceitar. Em jogo, o status de ter o cavalo mais rápido e o dinheiro apostado. Os finais de semana, nesse sentido, eram favoráveis pela possibilidade de agrupar um número maior de pessoas interessadas. Por outro lado, em alguma medida essa prática sentiu os efeitos das retaliações do poder público que buscava intervir sobre a presença descontrolada de animais de grande porte no bairro-balneário.

Isso atingiu, inclusive, as atividades de pecuária que chegaram a arrefecer na década de 60 quando o prefeito passou a proibir, sem sucesso, a criação e circulação destes animais no local sob duas alegações. Uma delas era com o visível aumento do número de veranistas e demais pessoas que se direcionavam ao Cassino para passear. Havia o receio de que algum animal disparasse para a avenida central, atropelando-as ou causando algum acidente com os veículos automotores, os quais passaram a ser cada vez mais comuns no bairro-balneário por conta da construção de uma estrada de terra nos anos 30 que foi asfaltada uma década depois. Até a década de 60, ferrovia e rodovia funcionaram simultaneamente, até o governo de Leonel Brizola no Rio Grande do Sul extinguir o uso da primeira. A outra argumentação era de que o odor deixado pelo esterco

e xixi dos animais não combinava com o ambiente elegante desejado para o local.

Quando previamente agendadas, as carreiras em cancha reta criavam momentos de reencontrar e conversar com os amigos e vizinhos, de assistir as corridas, de usufruir do pequeno comércio que ficava nas redondezas ou que se instalava só para as carreiras, de aproveitar a música tocada e, também, de ganhar ou perder dinheiro. As canchas retas do final da rua Porto Alegre, da Padre Francisco ou da Querência, portanto, atraíam os competidores a cavalo e a dinheiro, pela corrida e pela aposta, transformando a prática também em uma “atividade de negócio” (PEREIRA; MAZO; LYRA, 2010).

Isso acontecia em meio a um clima festivo que, entre outras coisas, era sugestionado pela presença da música. Nando (2014, entrevistado) lembra que em muitas carreiras era imprescindível a presença de um gaiteiro para animar a corrida. Roberto (2014, entrevistado) dizia que *“conjunto era muito difícil ter naquela época [...] era gaita, violão e pandeiro. Toquei muito tchê, barbaridade!”*. Tocar gaita tratava-se de um divertimento compromissado para Roberto, tanto que era requisitado não só para as carreiras como também para os bailes que aconteciam no bairro-balneário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As corridas de cavalo em cancha reta no bairro-balneário Cassino puderam acontecer a partir de arranjos contingentes quanto ao tipo de terreno, à metragem da pista, às formas de disputa, à inexistência de categorias, mas também por conta de uma investidura no local mais próxima a uma alma campeira que praiana. O cassineiro mostrou-se educado pelos sentidos e sensibilidades do campo, do inverno e da vida ordinária. Uma subjetividade produzida sobre o lombo de um cavalo.

O espírito de praia pouco capturou os cassineiros pela via do divertimento dos banhos de mar e exposição ao sol, senão pelo trabalho ou por alguma prática que acabava por se confundir ou sendo uma extensão do trabalho. Não foram interpelados nem pela esfera do empreendimento balnear, nem pelos fins terapêuticos preconizados pelas autoridades médicas à época.

Por certo, era corrente entre a população riogradina o desejo pela costa e a crença medicinal nas praias de mar propagandeadas pelas políticas higiênicas, sanitárias e morais implementadas no país nas primeiras décadas do século XX (SCHOSSLER, 2010). Porém, viver *no* e *do* Cassino durante todas as estações fez com que os infames ouvidos não criassem entre si a expectativa de enxergar o balneário como destino para as férias, descanso ou divertimento pelo simples

fato de não se planejarem para veranear. O viés científico e moral alinhado à ordem higienista foi deixada de lado por estes cassineiros, que demonstraram terem sido pedagogizados pelos saberes das experiências passadas junto à lida do campo e seus desdobramentos.

A sociabilidade balnear do Cassino criada pela elite distinguia-se da função de moradia e sobrevivência designada pelos infames. Em um só tempo, o Cassino bairro e o Cassino balneário. Um espaço, portanto, heterotópico, ou seja, um espaço singular que encontramos em alguns espaços sociais cujas funções são diferentes das de outros, até mesmo diretamente opostas (FOUCAULT, 2013).

As memórias manifestadas no encontro com as vozes infames mostram um espaço constituído mais pelas relações de ordem política do que por limites geográficos. Os feixes de relações provenientes das práticas exercidas pelos infames coexistiram àqueles atinentes às famílias abastadas diluindo a possibilidade de uma correspondência ou identidade do Cassino exclusiva a um ou a outro.

A disputa em cancha reta neste contexto significou a criação de um espaço de amenidades para estes infames, mesmo que a ele fosse despendido um clima sério de envolvimento. Em geral, as corridas tinham regras estabelecidas pelos próprios praticantes, possuía vínculos com os elementos tradicionais regionais, muitas vezes estavam articuladas a ações ordinárias do cotidiano e se davam sob marcas de improvisação, como vimos. Quando a praia era usada para as corridas, havia nisso um sentido interessado. Isto porque, a grande extensão da faixa de areia possibilitava tanto um melhor desempenho para a prática, quanto uma fuga dos olhos vigilantes exercidos pela zona central do bairro-balneário.

Portanto, falar da presença infame e das corridas de cavalo em um balneário de contornos glamourizados nos mostra que a história é resultante de um "digladiar de sentidos". Para que não se corresse o risco de naturalizar determinadas compreensões, se fez indispensável "rachar as palavras", ou seja, perseguir uma perspectiva microssocial de atores anônimos cujas "experiências cotidianas comumente se perdem nos desvãos da história" (MONTENEGRO, 2010, p. 70). Nestas rachaduras produzidas certamente não foram desenrolados todos os fios encontrados pelo caminho. Algumas pontas ainda estão por aí para serem puxadas, a cavalo ou não, pois é sempre de inícios que tratamos, não de fins.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, João. O Balneário Cassino: uma inspiração europeia. *Revista Biblos*, Rio Grande, n. 12, p. 43-48, 2000.

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Trad. Daniela Kern. Guilherme J.F. Teixeira. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

CORBIN, Alain. O segredo do indivíduo. In: PERROT, Michele (Org.). *História da vida privada 4: da revolução francesa à primeira guerra*. Trad. Denise Bottmann; Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ROCHA JUNIOR, Coriolano P da. *Esporte e modernidade: uma análise comparada da experiência esportiva no Rio de Janeiro e na Bahia nos anos finais do século XIX e iniciais do século XX*. Tese (Doutorado em História Comparada) – Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ENKE, Rebecca Guimarães. *Balneário Villa Sequeira: a invenção de um novo lazer (1890-1905)*. 146 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2005.

FERREIRA, Felipe Nóbrega. *Ao sul do sul o mar também é pampa: sensibilidades de verão na Villa Sequeira, Rio Grande/RS (1884-1892)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Pós-facio de Daniel Defert. São Paulo: N-1 edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 25 ed. Organização e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos IV: Estratégia poder-saber*. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GOELLNER, Silvana Vilodre; MAZZO, Janice Zarpellon. *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *Esportes na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro*. Campinas: Autores Associados, 2001.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *Esporte, cidade e modernidade: Recife*. In: MELO, Victor Andrade de. *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos, XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. (Coleção Sport História).

MACHADO, Nei Fagundes. *Vocabulário do cavalo campeiro*. Porto Alegre: Martim Livreiro, 2012.

MARTIN-FUGIER, Anne. Os ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michele (Org.). *História da vida privada 4: da revolução francesa à primeira guerra*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

MARTINS, Solismar Fraga.; PIMENTA, Margareth Afeche. A constituição espacial de uma cidade portuária através dos ciclos produtivos industriais: O caso do município do Rio Grande/RS. (1874/1970). *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais* (ANPUR), Rio de Janeiro, v. 6, n.1, p. 85-100, 2005.

MELO, Victor Andrade. Forjando a capital: as experiências dos primeiros clubes de turfe e remo de Niterói (décadas de 1870-1880). *Tempo, Niterói*, v.26, n.1, jan/abr, 2020.

MELO, Victor Andrade. *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos, XIX e*

XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. (Coleção Sport História).

MELO, Victor Andrade. *Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX*. Campinas: Autores Associados, 2007.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Contexto, 2010.

MONTENEGRO, Nara Romero; SOARES, Carmen Lucia. Cultura física e vida ao ar livre: a reinvenção do litoral de Fortaleza (1920-1940). *Movimento*, Porto Alegre, v.25, jan/dez, 2019.

MONTENEGRO, Nara Romero; SOARES, Carmen Lucia. Corridas de cavalo em Campinas: das ruas e dos quilombos ao hipódromo (1870-1898). *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 21, n.2, abr/jun, 2018.

MORAES E SILVA, Marcelo. Comportamentos urbanos e esportes: contribuições para a esportivização do turfe e da pelota basca em Curitiba (1899-1905). *Licere*, Belo Horizonte, v. 18, n.3, setembro, 2015.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. *Projeto História*, n. 10, PUC-SP, dez, p. 7-28, 1993.

PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, J. Z. As práticas equestres e o lazer dos porto-alegrenses (décadas de 1920 a 1940). *Licere*, v. 17, p. 32-60, 2014.

PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon; LYRA, Vanessa Bellani. Corridas de cavalo em cancha reta em Porto Alegre (1852/1877): uma prática cultural-esportiva-sul-rio-grandense. *Revista de Educação Física da UEM*, Maringá, v.21, n.4, p. 655-666, 4. trimestre, 2010.

PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon; BATAGLION, Giandra Anceski. Práticas equestres de corrida no Rio Grande do Sul: configurações e redes de interdependência. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 22, 2019.

PORTELLI, Alessandro. "O Momento da Minha Vida": funções do tempo na História Oral. In: FENELON, D.R. et al. (Org.). *Muitas Memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'água, p. 296-313, 2004.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *A cidade das águas: usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901)*. São Paulo: SENAC, 2007.

SCHOSSLER, Joana Carolina. "As nossas praias": os primórdios da vilegiatura marítima no Rio Grande do Sul (1900-1950). 220f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

SOARES, Carmen Lucia. *Educação Física: raízes europeias e Brasil*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de; SOTTO MAYOR, Sarah Teixeira. Prado Mineiro: do turfe ao futebol – a forja de um espaço esportivo em Belo Horizonte (1904-1920). *Recorde*, Rio de Janeiro, v.10, n.1, jan/jun, 2017.

TORRES, Luiz Henrique Torres. *Balneário Cassino: o nascimento do banho de mar planejado no Brasil*. Rio Grande: Editora da FURG, 2009.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. 4. ed. Brasília: Editora UNB, 1982. 285p.

XAVIER, João Francisco Santana; FREITAS, Gustavo da Silva; RIGO, Luiz Carlos. Dos aplausos às ruínas: uma construção das memórias do turfe no hipódromo da cidade do Rio Grande/RS. *Licere*, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, jun. 2014.